

ESCREVER É HUMANO

SÉRGIO RODRIGUES

Escrever é humano

Como dar vida à sua escrita em tempo de robôs

Copyright © 2025 by Sérgio Rodrigues

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa von Randow

Imagem da p. 30

Peanuts, Charles Schulz © 1960 Peanuts Worldwide LLC/

Distribuído por Andrews McMeel Syndication

Preparação

Tatiana Custódio

Checagem

Érico Melo

Revisão

Ana Maria Barbosa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Sérgio

Escrever é humano : Como dar vida à sua escrita em tempo de robôs /
Sérgio Rodrigues. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2025.

ISBN 978-85-359-4167-8

1. Arte de escrever 2. Criação (literária, artística etc) 3. Escritores
4. Teoria literária I. Título.

25-269138

CDD-808.02

Índice para catálogo sistemático:

1. Arte de escrever 808.02

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

x.com/cialetras

Prefácio fácil

*Existem três regras para escrever ficção.
Infelizmente, ninguém sabe quais são elas.*

W. Somerset Maugham

Eu vinha planejando havia anos escrever um livro sobre escrever, em especial sobre escrever prosa de ficção, mas sempre adia o projeto. Não bastasse um gosto acentuado pela metalíngua, coisa que nenhum livro meu deixa de denunciar, posso afirmar que me atraía na ideia certo sentido de dever — o de compartilhar algo que aprendi e, como está na moda dizer, devolver à sociedade o que recebi dela. Bem, tinha isso também; mas acho que tinha principalmente o acerto de contas com a minha própria história.

Coisa de quem olha para trás e vê com alguma surpresa um longo caminho percorrido: no instante em que digito estas palavras tenho 62 anos, o que dá com bastante folga para me distanciar do bloco dos jovens (embora até os cinquenta e tantos eu tenha

sido chamado assim, representante da “nova literatura brasileira”, por repórteres mais sem-noção).

Escrever foi a única coisa que aprendi a fazer de verdade na vida. Aos catorze, tendo desistido alguns anos antes de ser astronauta, decidi que seria escritor (reparem na contiguidade dos ofícios); aos dezoito entrei numa faculdade de jornalismo; aos vinte comecei a trabalhar e, desde então, nunca vi um tostão que não fosse em troca de texto — a princípio apenas jornalístico, anos depois literário também. Não fiquei rico, nem nunca foi essa a ideia. A ideia era só cumprir aquele plano adolescente.

Então há, sim, uma razão “social” e até educativa para escrever este livro, mas também outra, pessoal: parar para pensar a sério em como foi que aprendi algumas coisas sobre um ofício misterioso e meio lotérico que, como disse Marguerite Duras a respeito do livro a ser escrito, “é o desconhecido, é a noite, é fechado”. Quem sabe conseguiria juntar ideias que ajudassem outras pessoas a encontrar seus caminhos na escuridão? De forma menos sistemática, é um movimento que eu tinha começado a fazer em meu blog Todoprosa (todoprosa.com.br), renovado entre 2006 e 2016, de onde saíram alguns embriões dos ensaios a seguir.

No entanto, a decisão de escrever um guia ou manual de escrita literária — embora ambos os nomes, aviso logo, soem bem impróprios para este livro — está longe de ser fácil. Antes de escrever o dele, Stephen King se perguntou: “O que me levava a acreditar que tivesse algo de valor a dizer?”. Se um dos maiores vendedores de livros da história foi assolado por tal dúvida, imagine o resto de nós.

Além da presunção inseparável de uma iniciativa do gênero (por que você acha que tem algo a acrescentar à biblioteca metalinguística que produziram, sobretudo nos últimos dois séculos, algumas das maiores escritoras e escritores do mundo?), há o

problema básico de que não se pode realmente ensinar ninguém a escrever boa ficção. É possível dar toques, apontar vacilos comuns, comentar macetes promissores. Mas o fato é que cada pessoa precisa aprender sozinha, e os caminhos são tão irrepetíveis quanto as impressões digitais.

Enquanto cada um trata de desbravar o seu, o melhor que se pode fazer é conversar sobre isso, tentando traduzir em signos compartilháveis a solidão e o silêncio que estão no miolo do ofício. Conversar sobre o que disseram funcionar e não funcionar em seu caso, por exemplo, Gustave Flaubert e Clarice Lispector, entre muitos outros nomes convocados a dar seus pitacos nas páginas seguintes.

Sim, nessa galeria vou me incluir também, e em posição de destaque, mas juro que menos por imodéstia que por necessidade. Este livro não existiria se eu não tivesse concluído que, sendo único o caminho de cada pessoa no mundo das letras, o relato sincero da minha própria experiência — aqui e ali à beira do sincericídio — é o que de mais honesto eu poderia oferecer. Desse modo, o que devia ser guia, palavrinha enganadora, ficou mais parecido com uma coleção de ensaios pontuados por toques autobiográficos, memórias de um percurso profissional de erros e acertos.

Mesmo assim, talvez o plano deste livro jamais tivesse ido adiante sem a intervenção de outro fator — este independente da minha vontade e inteiramente inesperado — que acabou por tornar urgente o que até então era desejo morno. Como na maioria das boas histórias, foi preciso aparecer uma crise de verdade para pôr tudo em movimento. Meu projeto de livro sobre escrita vinha sendo tocado sem pressa, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, mas de repente o tempo se esgotou: a única coisa que aprendi a fazer na vida passou a ser feita com desenvoltura impressionante por um robô.

A virada de 2022-3 tem tudo para ficar na história como um divisor de eras: o momento em que o sucesso popular do ChatGPT, um modelo de inteligência artificial (IA) generativa, alertou a humanidade para o fato nada trivial de que agora era possível gerar automaticamente em meio segundo um lero-lero não só aceitável como — o que é bem embaraçoso — melhor que o da imensa maioria dos escribas humanos: mais correto gramaticalmente, mais preciso semanticamente, mais claro, mais coeso, com mais ritmo.

É impossível exagerar o impacto desse acontecimento. Apesar de estarem no início do seu aprendizado, os modelos de inteligência generativa, com sua reprodução artificial da linguagem humana escrita, já começaram a fazer pelas habilidades da espécie nessa área o mesmo que a calculadora eletrônica fez por nossa capacidade de executar as quatro operações, e a memória dos celulares pela decoreba de telefones de amigos e parentes. Conheço pessoas — inclusive algumas que eu chamaria de intelectuais — que, imediata e alegremente, passaram a terceirizar para a IA a redação de e-mails de trabalho e outros gêneros textuais do dia a dia.

Embora ainda sejam, em grande medida, imprevisíveis as consequências das aplicações da IA sobre a vida em sociedade, a tendência nesse caso é que em poucos anos ninguém precise escrever mais nada se não quiser. Isso parece inevitável; por deriva cultural e insuficiência educacional, multidões já vinham se divorciando da aptidão da escrita antes mesmo de surgir um substituto. Bastará dominar alguns *prompts*, modos de instruir a máquina, e pronto: o imenso fardo de encaixar uma palavra depois da outra, que já foi chamado com felicidade de “o trabalho braçal da mente”, terá sido tirado das costas da nossa espécie depois de alguns milhares de anos.

Pensando na pessoa que perdeu tudo ao investir suas economias numa fábrica de filmes em plena aurora da fotografia digital,

alguém poderá questionar se esta é uma boa hora para lançar um livro sobre escrita humana. Sim, é a melhor que consigo imaginar. O robô me deu um norte, um foco. Como observa a pesquisadora brasileira Lucia Santaella, a IA “está nos ensinando que a mente humana é muito mais rica, e muito mais sutil, do que se supunha” — e eu acrescento que pode nos ensinar também a concentrar esforços naquilo que, com nossos cérebros de carbono sujeitos a dores de cabeça, falhas de memória e todo tipo de distração, só nós sabemos fazer.

Não é pouca coisa. No caso que nos interessa de perto aqui, arte verdadeira com palavras é algo que a máquina definitivamente não faz nem tem perspectivas realistas de fazer tão cedo — ou mesmo, o que talvez seja mais provável, jamais.

Em vez de bater no peito e cantar vitória como primatas peludos, atirando para o alto exemplares de romances até que um deles vire uma nave espacial, parece mais inteligente tomar as limitações do robô escritor como pistas de caminhos para nos aprofundarmos naquilo que, nesse trabalho, é intransferivelmente humano. Com alguma sorte vamos encontrar um caroço literário irredutível sob a polpa gordurosa da linguagem automatizada, tanto a robótica quanto a orgânica, que acolchoa com grossas camadas de utilitarismo, conformismo, redundância e tédio a superfície social da experiência humana.

Este é, em primeiro lugar, um livro para todo mundo que tem paixão por ler romances e contos e, mesmo pouco ou nada interessado em escrever suas próprias histórias, sente curiosidade pelas engrenagens que põem em movimento a imaginação leitora, coautora de toda a literatura jamais escrita. Claro que o público mais restrito, aquele que se concentra em torno do centro do alvo, é formado por quem já dedica faz tempo, começa a dedicar ou

flerta com a ideia de dedicar à escrita de literatura (em especial de ficção) um naco da sua energia vital — e gostaria de ter um papo franco sobre isso.

Pode ser que nosso nicho, que já não era nenhum latifúndio, se torne cada vez mais estreito. Uma comunidade excêntrica que teima em fazer com as próprias mãos um trabalho terceirizado às máquinas por quase todos; seita de cultivadores e consumidores de produtos orgânicos num mundo maciçamente industrializado.

Tem tudo para continuar a ser divertido, talvez até mais do que nunca. A literatura sempre teve vocação para a dissidência.

Como toda boa piada, a epígrafe que escolhi para este “Prefácio fácil” diz mais do que parece com sua mistura de afirmação precisa das “regras para escrever ficção” (existem, sim, e são três!) e imediata negação delas (aquilo que ninguém conhece existirá mesmo?). A tirada do escritor britânico William Somerset Maugham, morto em 1965 e inteiramente fora de moda, pode ser meio batida, mas é eficaz para desiludir quem busca receitas de bolo, passo a passo, faça-isso, nem-pense-em-fazer-aquilo. Essas coisas não existem, nem na literatura nem na arte em geral. No entanto...

É fundamental partir da ideia de liberdade absoluta, mas ela é só o começo da caminhada. Tudo é possível — a princípio. Quando se propõe a brincar com as palavras de modo interessante em si mesmo, sem o lastro de uma informação predefinida que deva ser *comunicada*, cada um está naquele proverbial mato sem cachorro. Com as mãos nuas, precisa abrir a própria picada na vegetação densa. Diz o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty que “como o tecelão, o escritor trabalha pelo avesso: lida apenas com a linguagem, e é assim que de repente se encontra rodeado de sentido”.

Sempre achei difícil escrever. Quer dizer, comecei a escrever porque era fácil, puro prazer e alegria, mas à medida que os anos

iam passando, quanto mais eu escrevia, menos satisfeito ficava com o que conseguia escrever. É que a decisão de levar a sério o ofício de ficcionista (repare que não falei de profissão, que é outra coisa, embora haja quem consiga conciliar ambos) desdobra uma nova dimensão de dificuldades sobre a escrivantina.

Reconhecer que não existem regras fixas para escrever é muito diferente de dizer que vale qualquer nota. Não vale: a maioria das notas tende a soar desafinada — estridente, chocha ou falsa. Bom, pelo menos foi assim comigo: a falsidade das palavras que eu lançava no papel e mais tarde na tela começou a me repugnar de modo intenso. O que era aquilo que eu chamava de falsidade? Talvez fosse melhor falar em ausência de vida. Estava tudo ordenado na página, “bem escrito” — e bastante reescrito —, mas as palavras eram mortas, quando muito mortas-vivas.

Tentei a poesia e não melhorou — pelo contrário. Começou a ficar chato: ou eu dava um jeito de obrigar as palavras que escrevia a soarem verdadeiras ou seria melhor desistir. Mas como fazer isso se eu não sabia sequer o que queria dizer com aquele diagnóstico de falsidade? Que tipo de verdade eu perseguia? Sim, é claro que tentei, seguindo um conselho famoso, “escrever sobre o que conhecia bem” — aquilo em que tinha experiência. Não era por aí. O problema parecia estar na própria página: cada palavra soava falsa em si, ostentava uma mentira vertical desde o momento em que tocava o papel e antes de orquestrar com as demais aquela outra falsidade maior, horizontal, conjunta.

O impasse durou bastante, de meados dos meus vinte anos até depois dos trinta. Demorou a me ocorrer o que é bem óbvio (mas o óbvio tem muitas vezes a vocação da compreensão tardia): que “soar verdadeiro” é diferente de carregar algum tipo de verdade no sentido filosófico; que a verdade da literatura conversa com a verdade da filosofia e da ciência, nem poderia ser diferente, mas trata-se de entidades inteiramente distintas. A verdade literária é

uma encenação projetada mais sobre terreno sensorial, moral e afetivo do que racional, embora fosse pela via do intelecto que eu tivesse de abrir caminho até ela. Foi quando começou meu aprendizado para valer.

A esperança de que a minha experiência possa ser útil a outras pessoas me levou a examinar em retrospecto o que precisei aprender para deixar de escrever ficção ruim — jornada cumprida aos trancos, sem oficina e a princípio sem possibilidade de publicação além do mimeógrafo e do mural da faculdade; e, para complicar tudo, com uma alarmante falta de disciplina. Enquanto tento pôr ordem no que a memória consegue recuperar da história, percebo padrões. Sobretudo este: que a superação de quase todas as dificuldades que enfrentei e enfrento para chegar a um texto ficcional decente está relacionada a uma propensão do ofício a se deixar pensar em termos de opostos, pares como o que, no parágrafo anterior, opõe — e termina por fundir — afeto a intelecto. Dessa vocação para o oxímoro derivo uma espécie de “método de escrita” que, mesmo pessoal, acredito ter utilidade para outras pessoas — nem que seja só como material de reflexão.

Entre os pares de opostos que a literatura nos desafia a fundir, o mais importante é composto por duas palavras gastas, mas ainda funcionais: forma e conteúdo. Entender que, na ficção, *o que se diz* e *o como se diz* são uma só coisa está longe de ser intuitivo, mas é fundamental. Se o escritor não encontrar uma forma adequada de expressão artística, as mais dolorosas verdades autobiográficas que trazer para a página terão pouco valor. Se a encontrar, mesmo a aparente banalidade do voo de uma borboleta amarela pode se transformar em obra-prima.

Aqui estamos abaixo das intenções autorais, dos gêneros textuais, do estilo, dos temas, da “mensagem” política ou moral,

das tão invocadas — e negadas — “questões de gosto”. Tudo isso vai ser fundamental, mas tudo isso são coisas que você precisará levar de casa para a festa. Aqui estamos no chão do texto, entre palavras que se dão as mãos, que é onde para começo de conversa — e no fim das contas — se diferencia a boa da má escrita.

Ah, estava demorando! Boa escrita, diz o cara. E isso lá existe? Ô, se existe. Mas quem diz o que ela é, quem separa a boa da má escrita? O leitor, ora. Ou a leitora, como é mais justo dizer, sendo as mulheres a imensa maioria de quem lê ficção no Brasil e no mundo. Boa escrita é aquela que a leitora escolada em muitas horas de voo tem vontade de continuar lendo. Má escrita é a que ela abandona depois de algumas páginas para nunca mais voltar — ou continua a ler por obrigação, a contragosto.

Discricionária, tirana? Sem dúvida. É dela, leitora, o poder de vida (leitura) e de morte (silêncio) sobre o texto. Sendo uma entidade coletiva, difusa e amorfa, um coro descontínuo que se perpetua e se renova há milênios, dela é possível dizer tudo, menos que não exista — e portanto que não existam seus juízos sobre escrita boa e escrita ruim. O que está longe de significar a glorificação do sucesso comercial: há leitoras de todo tipo, e para os objetivos de certos textos bastam umas poucas.

O fato é que qualquer história que decidirmos escrever precisará, para existir, ser escrita *na* história — inscrita, mesmo que a contrapelo, na vasta tapeçaria milenar da leitura humana. Quem afirma que isso de bom e ruim é só uma farsa interessada, um complô político-ideológico para cassar a voz dos excluídos, provavelmente leu pouco.

Se não vale tudo, vale tudo aquilo que você conseguir fazer funcionar na página — critério que acaba por se revelar mais escoregado do que gostaríamos de admitir. Nem poderia ser diferente, uma vez que estamos na mata virgem da linguagem que se dobra sobre si mesma. Claro que há em tudo isso um componen-

te lotérico também, a necessidade de fazer determinadas apostas num tabuleiro estético — e histórico — que tem algo de jogo de azar. Mas há principalmente persistência, a teimosa decisão de não desistir — e essa é a parte mais importante, aquela que ninguém pode ensinar. O resto é trabalho, e a ele é dedicado este livro.

O primeiro capítulo, “Viva a literatura, morra o clichê!”, propõe uma profissão de fé inspirada (negativamente) pelo robô: a literatura entendida em seu fundamento como o contrário do lugar-comum. O oposto da confirmação do já sabido e de todos os automatismos, do kitsch e da recombinação infinita de um repertório dado, da ausência de risco e do pensamento de manada — enfim, do limo de banalidade que toda linguagem tende a acumular em suas reentrâncias e que, na comunicação digital, se acumula em velocidade cada vez maior, chegando no caso da IA a abarcar a totalidade do mundo exprimível. O contrário do clichê é aquilo que se descobre ao escrever.

“E a sua vida com isso?”, o segundo capítulo, trata de aspectos do ofício que, embora costumem ser deixados de lado nas oficinas de escrita criativa, são decisivos para quem resolve levar esse trabalho a sério. Se escrever é humano, não podemos ignorar as dimensões ligadas ao lado prático da existência e aos jogos simbólicos de imagem e autoimagem que cercam o mundo dos escritores — tanto os aspectos íntimos, relativos ao impacto da escrita sobre a vida de quem escreve, quanto os sociais, com sua carga ética e política. Nenhum robô precisaria se preocupar com isso; gente precisa. Citando Allen Ginsberg, “eu vi as melhores mentes da minha geração” quebrarem a cara justamente aí, na etapa de montar uma fórmula pessoal em que arte e vida se equilibrem, sem uma atravancar a outra.

E assim chegamos ao terceiro capítulo, “Uma voz no mundo”,

dedicado à busca da famigerada voz própria, também chamada de estilo — assinatura autoral codificada na prosa. Os capítulos 2 e 3 devem muito às conversas com os alunos do meu curso “Escrever, como e por quê: uma DR com os mestres”, que teve uma série de edições em formato remoto na escola paulistana Escrevedeira, nos anos pandêmicos de 2020 a 2022.

“Uma palavra depois da outra”, o quarto capítulo, fala da matéria-prima básica da escrita, discutindo questões que se revelam mais polêmicas do que parecem à primeira vista — concisão, precisão, clareza, ritmo etc. — e chegando ao mundo um tanto negligenciado, mas crucial, dos pontos, vírgulas, travessões, parágrafos.

O quinto capítulo, intitulado “A história e a página”, discute diferentes processos de escrita e os elementos fundamentais da arte de contar histórias — voz narrativa, trama, personagens. Nele, como no quarto capítulo, cobre-se terreno mais batido por manuais, mas à moda da casa, tendo sempre como guia o programa antiautomatismo que o robô nos deu.

Por fim, “Aqui só entra quem vai morrer” encerra o livro com uma reflexão sobre o que torna a IA incapaz — pelo menos em seus estágios atual e previsível de desenvolvimento — de gerar o mais pálido arremedo de algo com valor literário, por mais que na superfície seja prodigioso seu domínio textual.

Atravessando tudo, o fio do “escrever é humano” confirma a cada passo, desde o nível imediato da frase até o do arco amplo da história, que estamos falando de um trabalho que só pode ser artesanal, ou então não será nada. Modos de aprofundar essa artesanaria e tirar dela o máximo de verdade são as apostas deste livro para fazer brilhar nossa escrita em tempo de robôs — isto é, hoje e para sempre.